

PROJECTO de REQUALIFICAÇÃO do CENTRO CÍVICO da VILA das TAIPAS.

INTRODUÇÃO

A área central de Vila das Taipas é composta por um conjunto de espaços sustentados pela resiliência de uma memória onde se adivinha a presença da água. Neste conjunto coexistem espaços deteriorados, problemas de trânsito, mobilidades suaves a potenciar, relações e processos a reforçar e, sobretudo, conflitos entre sistemas que devem ser resolvidos para alcançar um centro funcionalmente mais integrado e qualitativamente mais interessante.

Morfologicamente, o centro da Vila das Taipas resulta do cruzamento das antigas estradas que ligavam Guimarães, Braga e Póvoa de Lanhoso e da proximidade ao Rio Ave e as suas margens ocupadas, em grande parte, por parcelas agrícolas. A existência de nascentes de águas termais, já usadas na época romana, completa a riqueza de recursos hídricos do lugar. Esta área apresenta-se hoje como a intersecção entre um sistema urbano e um sistema hídrico pouco integrados.

O projeto de *Requalificação do Centro Cívico da Vila das Taipas* visa promover a urbanidade de um espaço público deteriorado cujo carácter e memória mais relevante advém da presença do recurso hídrico fortemente intensificado pela presença conjunta das águas termais que na sua proximidade ao Rio Ave e ao seu afluente, a Ribeira da Canhota, conformam um ecossistema específico e potencialmente interessante do ponto de vista ambiental e patrimonial. É, em todo o concelho de Guimarães, um lugar único, onde se reúnem condições que cruzam o ambiente urbano com o ambiente natural e onde se identifica um património cultural e de lazer fortemente arraigado na memória dos vimaranenses. Uma ação estratégica e integrada pode demonstrar a capacidade regeneradora de um novo espaço público que contemple em simultâneo a especificidade do lugar e uma vocação contemporânea.

Estas razões levam a enquadrar o Projeto de *Requalificação do Centro Cívico da Vila das Taipas* no âmbito da candidatura da Capital Verde Europeia Guimarães 2017.

Ao longo do processo de análise concluímos que existem questões chave no âmbito da *Requalificação do Centro Cívico da Vila das Taipas* que abarcam distintas preocupações: da mobilidade à manutenção, da sensibilidade ecológica à memória, da promoção de novos

usos à regularização topográfica... Mas todos eles convergem num objetivo primeiro: (re)definir uma nova identidade capaz de articular os distintos espaços e tempos encontrados no lugar. Isto implica construir uma proposta que integre uma leitura histórica desde uma posição contemporânea e que responda a uma maior qualidade e conforto para promover e intensificar futuras apropriações.

Define-se assim um núcleo concêntrico com distâncias inferiores aos 500m - o equivalente a 5 minutos a pé - que permite distribuir e reforçar um conjunto de percursos pedonais que determina um novo espaço central cívico que articula as relações próximas entre o lazer, o comércio, as termas, as escolas, o rio, o parque... Um novo centro que para além de distribuir, agarra e estrutura a grande dimensão do espaço público já existente iniciando um processo de requalificação a partir destas relações fortes.

OS NOVOS ESPAÇOS do CENTRO CÍVICO da VILA das TAIPAS.

Torna-se difícil dividir a proposta em distintos espaços dado que o principal objectivo do projecto é a sua integração mantendo a diversidade de cada um deles. Isto é, cada um dos espaços propostos nasce com uma vocação própria integrando-se num conjunto articulado e complementar. Assim, o largo de Santo António comunica-se abertamente com o Jardim da República e enquadra-se com a extensão da Área Central (ou Praça de Trajano) recolhendo a memória do antigo patamar onde encontrava-se a Capela de Santo António. Por sua vez, a Área Central prolonga-se até ao fontanário de D. João I que marca o arranque ao Jardim da Ribeira caracterizado pela passagem da Ribeira da Canhota que, por sua vez, relaciona os Banhos Novos com os Velhos até alcançar o Rio Ave.

O largo de Santo António.

Chama-se assim ao novo espaço que nasce da transformação do cruzamento da antiga Estrada Nacional com a Avenida da República integrando a atual Praceta Dr. João Antunes Guimarães. Um espaço carregado de memória que atualmente restringe-se a um cruzamento rodoviário.

Esta transformação aposta na definição de um largo que comunica pedonalmente a zona habitacional e as escolas localizadas a poente da Vila com o seu novo Centro Cívico. Define-se assim um espaço vocacionado para o encontro e passeio que recupera uma posição central e de referência marcada pelo continuo das fachadas consolidadas e pelo patamar onde antigamente se implantava a Capela de Santo António. Funcionalmente o largo recolhe um rés-do-chão tradicionalmente comercial, aumentando as possibilidades da sua regeneração. Para a sua materialização opta-se pela calçada em quartzo, uma solução tradicional que reutiliza o material existente atualmente nos passeios com vista a reciclar e aproveitar recursos e materiais.

A Praça de Trajano. (ou Área Central)

Esta grande área nasce vocacionada para articular e gerar múltiplos percursos recolhendo uma vontade unificadora que da prioridade aos peões em detrimento dos automóveis. Este espaço apresenta-se com a maior expressão na envolvente da Ara de Trajano Augusto,

expande-se até ao patamar onde antigamente se encontrava a capela de Santo António, agarra as distintas portas dos principais equipamentos e serviços cívicos das Taipas, configura o adro da Igreja Matriz e dirige-nos para os banhos novos. Uma área central que é conformada para enquadrar permanências estruturantes do lugar e favorecer uma maior intensidade de percursos e usos centrais.

Trata-se de uma extensão informal colmatada por peças de remate – ora um fontanário, ora uma passadeira de granito, ora uma escada - gerando contactos com distintos espaços já conformados ou conformando de novos no seu perímetro. Uma grande área que absorve um largo, um adro, um patamar, umas entradas, um grande passeio...

O tramo compreendido entre a Junta de Freguesia de Caldelas até ao Adro da Igreja Matriz apresenta uma solução partilhada; isto é, a circulação do automóvel e o peão partilham o mesmo nível numa mesma superfície. Considera-se assim a hipótese de uma circulação mais ou menos condicionada conforme necessidades pontuais.

A Ribeira da Canhota.

A proposta assume descobrir a Ribeira da Canhota na sua passagem pelo âmbito de intervenção que comunica os banhos velhos e os novos conformando um grande espaço contínuo e permeável, com um canal com capacidade para suportar distintos volumes de água regulados pela presença de uma comporta no seu ponto mais baixo.

A Ribeira da Canhota surge no centro das Taipas como um elemento estruturante que ganha presença e pretende estimular novas apropriações num espaço que atualmente aparece segregado. O espaço conforma um sistema húmido variável com capacidade de gerir e mitigar episódios esporádicos de cheias do Rio Ave. O conjunto resulta num espaço extenso com cobertura vegetal de prado lameiro e com arborização ribeirinha nas suas margens. A configuração do espaço adjacente à Ribeira é composto por um conjunto de muros que suportam as relações construídas com edificações existentes ou diferenças de cotas.

A Avenida da República: uma sequência de jardins.

A Avenida da República mostra-se como uma continuidade garantida a partir do eixo viário que atravessa todo o centro. A principal alteração consiste na distribuição do espaço

destinado ao automóvel e ao peão, resultando uma solução com perfil variável com duas faixas e com uma faixa de rodagem, com estacionamento e com os passeios mais largos. Funcionalmente também resolve espaços de carga e descarga assim como uma paragem de táxis e abrigos para o transporte público. Para o pavimento deste novo perfil reutilizam-se materiais que se encontram no local, como é o caso do cubo e do microcubo de granito.

A Avenida da República recolhe no seu cumprimento três espaços ajardinados que apresentam características muito distintas seja pela sua posição, pela sua composição ou pela sua materialidade.

Um primeiro, o Jardim da República, com cobertura arbórea assenta-se na extensão de um grande patamar em saibro oferecendo uma ampla área de estar e de apoio ao comércio central. Este jardim recupera o carácter de recinto definido por um muro e uma guarda e destaca-se dos espaços de passagem, tornando-se um lugar de calma e sossego ao qual é possível aceder de forma franca pelo Largo de Santo António ou pela Alameda Rosas Guimarães, eixos que se pretendem de grande fluxo pedonal.

Um segundo espaço ajardinado em forma de grande talude acompanha o desenvolvimento da Avenida da República até ao fontanário. Atualmente este espaço configura-se como uma alameda desproporcionada, com uma geometria estranha, sem eixo definido, com excessiva pendente, com pouco conforto e, no seu conjunto, em mau estado. Na proposta, este espaço assume-se enquanto talude que resolve de forma clara as diferenças de cotas entre a rua e o conjunto edificado à sul indicando uma separação do fluxo principal e os acessos condicionados a estes edifícios.

Finalmente, um terceiro jardim nasce na cota baixa marcado pela presença de elementos notáveis como são o fontanário de D. João I, a antiga Pensão Villas e as Termas Velhas; destacando-se entre todos eles, a nova passagem a céu aberto da Ribeira da Canhota.

Ao longo do âmbito da intervenção, um conjunto de objetos encontrados ou propostos pontuam os distintos espaços. Nalguns casos são permanências que restam das distintas intervenções que permitem conectar com o passado do lugar; noutros casos, são elementos novos distribuídos para dar o início a novos significados ou relações.

Entre estas peças distingue-se o local do antigo chafariz no largo de Santo António, a reposição das alminhas, as lajes de granito que recolhem as soleiras dos comércios, umas grandes passadeiras em granito que marcam conexões francas, a base do cruzeiro, um

patamar para a antiga frutaria, os bancos corridos ao longo do limite da Ribeira.... são indícios do lugar que relacionam distintos tempos e espaços e que incitam a novas apropriações.

A água (re)aparece em todo o centro das Taipas como uma presença transversal adquirindo distintas formas. Para além da já explicada intervenção da Ribeira da Canhota, propõe-se um eixo estruturante que atravessa toda a área de intervenção recolhendo as águas drenantes dos distintos jardins. Este elemento de recolha torna explícita a gestão das águas pluviais integrada no próprio desenho do espaço urbano.

Como conclusão, o projeto de *Requalificação da Área Central da Vila das Taipas* considera-se uma oportunidade para aplicar uma gestão ambiental integrada que não termine na definição de uma proposta formal, promovendo uma gestão e rotinas dos habitantes traduzidas numa participação ativa de apropriação e manutenção dos recursos. Um projeto aberto que se pretende adaptável conforme novas necessidades e aspirações colectivas.